

O concretismo, em forma 30 anos depois

Três décadas após a Exposição Nacional, trabalhos de artistas e poetas do movimento concreto ocupam espaço nas livrarias, museus, galerias e coleções; saiba onde encontrá-los

ANTÔNIO GONÇALVES FILHO

Da Reportagem Local

Como há trinta anos, a cidade de São Paulo vive hoje o clima de euforia da 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, aberta exatamente no dia 4 de dezembro de 1956, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), que reunia artistas plásticos como Waldemar Cordeiro, Hermelindo Fiaminghi, Luiz Sacilotto, Maurício Nogueira Lima, Geraldo de Barros, Lothar Charoux e Féjer, além dos poetas Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, Wladimir Dias Pino, Ronaldo Azeredo e Ferreira Gullar.

O "revival" desse movimento estético que se recusava a imitar a natureza, tomando emprestado uma expressão cunhada por Theo van Doesburg, em 1930, e baseando-se em rígidos princípios matemáticos, começa com uma noite de autógrafos, hoje, a partir das 20h, na Livraria Brasileira/Jardins (r. Oscar Freire, 561, Jardins, zona sul) dos livros "Viva Vaia" (poesia, 1949-1979), de Augusto de Campos, "Poesia Pois é Poesia e Poete" (1950-1986), de Décio Pignatari, e "Galáxias", de Haroldo de Campos.

Também hoje será inaugurada, às 19h, no Masp, a exposição "Dacoleção — Os Caminhos da Arte Brasileira", montada por Dan Fialdini, com 156 obras (óleos, esculturas, desenhos, objetos e gravuras) pertencentes a coleções particulares. Entre os trabalhos expostos destacam-se algumas raras realizações de artistas concretos paulistas e cariocas como "Círculo Colorido", óleo sobre tela dos anos 60, assinada pelo mentor do núcleo concretista de São Paulo, Waldemar Cordeiro (1925-1973), ou "Composição 1", óleo sobre tela de Maurício Nogueira Lima, de 1952.

A exposição do Masp é uma oportunidade única de se entrar em contato com as propostas revolucionárias de artistas como Ivan Serpa, Geraldo de Barros, Lygia Clark e Hermelindo Fiaminghi, entre outros, cuja trajetória é analisada no livro "Dacoleção — Os Caminhos da Arte Brasileira", edição luxuosa de Júlio Bogoricin Imóveis com texto do crítico carioca Frederico Moraes e organização do arquiteto Cesar Luis Pires de Mello. O livro será lançado na abertura da mostra e, infelizmente, não estará à venda. É um brinde de fim-de-ano aos clientes da Bogoricin.

Mais exposições

Dentro desse segmento retrospectivo do que representou o movimento concreto brasileiro, outra exposição importante, que deverá ficar aberta no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP) até meados do próximo ano, chama-se "Tendências Construtivas no Acervo do MAC". Aberta em outubro deste ano, a mostra é abrangente. Entre as obras expostas estão desde a escultura "Unidade Partida" (1948/1949), premiada na 1ª Bienal de São Paulo (1951), do artista suíço Max Bill —na verdade o grande incentivador do concretismo brasileiro— até os trabalhos realizados pelos concretos paulistas antes da célebre exposição do MAM, em 1956, como "Movimento", de Waldemar Cordeiro, tempera sobre tela (90,2 cm x 95 cm) de 1951.

No MAC/USP, além de Max Bill e Cordeiro, destacam-se trabalhos do austriaco Lothar Charoux, radicado no Brasil desde 1928, e do paulista Luiz Sacilotto, este último ainda em atividade e expando dezesseis trabalhos na galeria Choice. Charoux interrompeu suas atividades há alguns meses (está doente), mas seus colegas concretos, que participaram

maiores e melhores coleções dos concretos brasileiros. Resta para os demais o consolo de ver reproduções em livros.

Os livros

Um dos principais ensaios sobre arte concreta no Brasil é o do poeta e crítico de arte Ferreira Gullar, contido no livro "Etapas da Arte Contemporânea" (ed. Nobel, 263 págs., 1986, Cz\$ 97,00). Gullar redigiu, em 1959, o "Manifesto Neoconcreto", que condenava o excesso de racionalismo dos concretos paulistas. Outro interessante estudo sobre o movimento é o do crítico Frederico Moraes, um dos capítulos de "Dacoleção — Os Caminhos da Arte Brasileira", que está sendo lançado hoje, no Masp (o livro não está à venda, mas é provável que seja feita nova edição para o grande público).

Finalmente, no segundo volume de "História Geral da Arte Brasileira", organizado por Walter Zanini (Instituto Walther Moreira Salles, São Paulo, 1983, dois volumes, 1115 págs., esgotado), há um capítulo especialmente dedicado ao concretismo, fartamente ilustrado com obras do período.



"Concrection 5732" (1957), de Luiz Sacilotto, artista paulista do grupo Ruptura

FOLHA DE S. PAULO

4 de dezembro de 1986 — ILUSTRADA — A . 45

Concretos no mercado

Quem procurar fora dos museus obras de artistas concretos brasileiros, tanto do grupo carioca Frente (1954) — Aloísio Carvão, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Ivan Serpa e Franz Weissmann —, quanto do grupo paulista Ruptura (1951), que era o núcleo do concretismo paulista, e que não consideravam os artistas cariocas como “concretos” (Sacilotto, Fiaminghi, Charoux, Geraldo de Barros, Maurício Nogueira Lima) vai enfrentar sérias dificuldades.

Grande parte da produção dos concretos, altamente comprometidos com os avanços da sociedade industrial, ou está nas mãos de colecionadores particulares ou de galerias. As cotações são estratosféricas. No Gabinete de Arte de Raquel Arnaud, por exemplo, os candidatos a proprietários de uma obra da artista carioca Lygia Clark (“Superfície Nodulada”, de 1958, madeira compensada coberta com material utilizado em aeronaves) terão de desembolsar de US\$ 8 mil (Cz\$ 114 mil aproximadamente) a US\$ 16 mil (Cz\$ 228 mil). Trabalhos mais recentes de Luiz Sacilotto (têmpera sobre tela, de 1982, 60 cm x 70 cm) estão por volta de Cz\$ 35 mil a Cz\$ 40 mil.

Uma galeria que trabalhou, neste ano, apenas com os concretos paulistas foi a Choice. Tendo como artistas exclusivos Sacilotto, Maurício Nogueira Lima e Judith Lauand, a galeria organizou, desde setembro, três individuais de seus contratados, começando com a exposição “Reflexão/Refração”, com 21 obras recentes de Nogueira Lima (de Cz\$ 30 mil a Cz\$ 45 mil), e passando por Judith Lauand (em outubro), com 26 óleos sobre tela (preço médio de uma tela da década de 70: Cz\$ 32 mil). Até o próximo dia 13, a Choice mostra dezesseis trabalhos de Sacilotto, dos quais apenas quatro estão à venda (preços entre Cz\$ 35 mil e Cz\$ 40 mil). É quase nada, comparando-se essa cotação com uma obra da década de 50 (por volta de Cz\$ 300 mil a Cz\$ 400 mil).

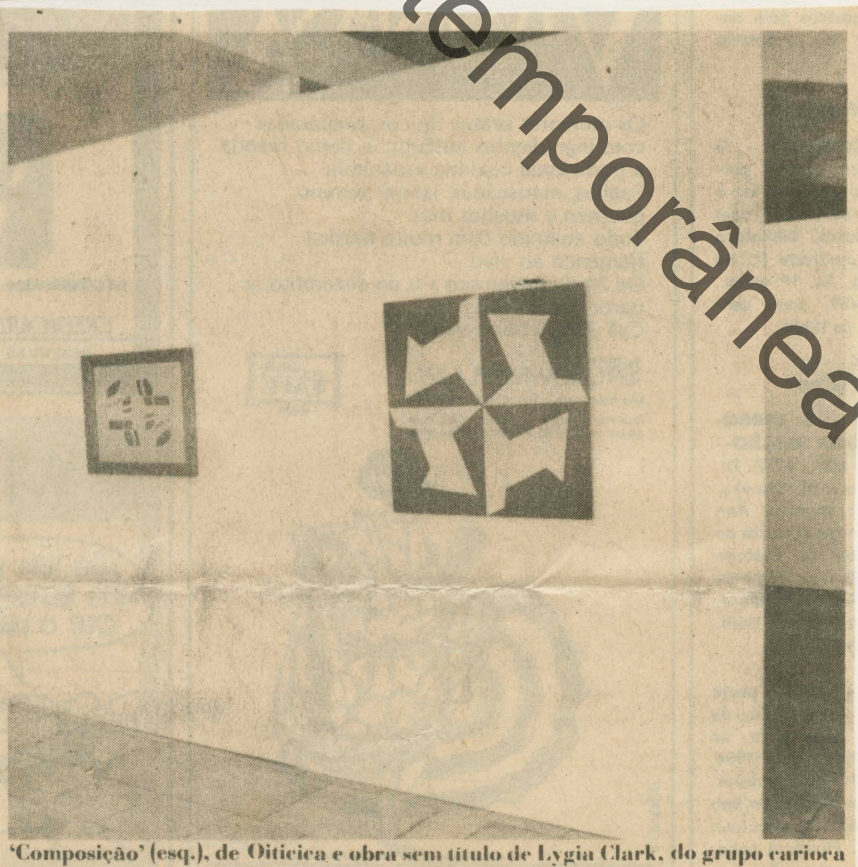
Quem tem mas não vende os construtivistas geométricos dos anos 50 (Oiticica, Lygia Clark, Fiaminghi, Waldemar Cordeiro) é o engenheiro têxtil Adolpho Leirner, em seu apartamento no bairro de Higienópolis (zona oeste de São Paulo). É uma das

da exposição do MAM há trinta anos —Hermelindo Fiaminghi, por exemplo— continuam expondo regularmente.

Fase atual

Após a visita à exposição do MAC/USP, altamente recomendável é a mostra “Panorama de Pintura Brasileira” que o Museu de Arte Moderna (MAM) inaugura na próxima terça-feira, às 19h, com a participação de 43 artistas selecionados pela comissão de arte do museu. Escolhidos por terem apresentado um trabalho atuante nos últimos três anos, estão entre os participantes dois artistas que assinaram, em 1952, o manifesto Ruptura, que combatia “o naturalismo científico da Renascença” para conferir à arte “um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo”. São eles Luiz Sacilotto e Geraldo de Barros.

Segundo a diretora técnica do museu, Valéria Gria, 44, “as obras presentes nesta exposição foram produzidas especialmente para o evento. Geraldo de Barros comparece com cinco montagens em plástico laminado e Luiz Sacilotto com três telas em têmpera vinílica. Do grupo dos concretos há, ainda, obras de Hermelindo Fiaminghi (têmperas e óleos sobre tela) e Maurício Nogueira Lima (três acrílicos sobre tela) todas deste ano”.



‘Composição’ (esq.), de Oiticica e obra sem título de Lygia Clark, do grupo carioca

instituto de arte contemporânea

"Unidade Tripartida" (esq.), escultura do suíço Max Bill, de 18/19, e o trabalho "Movimento" (dir.), de Waldemar Cordeiro, de 5

CONTINUAÇÃO F.S.P. 4.12.86